

JASON GOODWIN

O MISTÉRIO DO QUADRO DE BELLINI

Tradução de José Vieira de Lima

1



Afundou-se lentamente nas águas escuras, os braços abertos, os pés espetados: como um Cristo, ou um dervixe, dando a sua bênção ao mar.

A pedra que tinha nos pés embateu no lodo com um baque surdo, os joelhos dele cederam e, logo a seguir, inclinou-se graciosamente ao sabor da maré. Sempre fora um homem gracioso; maleável, também, quando fixava um preço; um homem que negociava e que deixava na transação algum espaço para o seu parceiro.

Na margem, o assassino meneava a cabeça, atento ao mínimo movimento na escuridão, sentindo a chuva no rosto. Ali ficou por alguns minutos, aguardando e vigiando; depois, pestanejou, deu meia-volta e afastou-se lentamente da ponte antes de ser engolido pela noite e pelas ruelas da cidade adormecida.

A maré estava a baixar. A água lambia o musgo que forrava os muros, gorgolejava em torno de velhos pilares e deslizava e recuava para longe dos degraus de pedra já muito gastos. E assim levava o mercador para o mar, sobre o qual assentara a riqueza da cidade nos seus dias de glória. À sombra das abóbadas bizantinas, dos palácios dilapidados e dos barcos amarrados, o cadáver derivava sem um ruído na direção do mar, os braços ainda abertos num gesto de boas-vindas perfeitamente vazio.

No entanto, algum obstáculo, um bloco de pedra ou um pedaço de corda podre deve ter travado por um momento a sua jornada; de facto, quando a manhã se anunciou e o mar refluíu, o mercador encontrava-se ainda a vários metros das águas profundas da Riva degli Schiavoni, onde deveria ter-se afundado sem deixar o menor vestígio.

2



O sultão espirrou estrondosamente e afagou o rosto com um lenço de seda.

– A rainha de Inglaterra tem um – disse ele num jeito petulante.

O paxá Resid inclinou a cabeça. O rei Guilherme de Inglaterra tinha morrido, tal como o sultão Mahmud: agora, pensou, a Inglaterra e o Império Otomano eram governados por meninas.

– Os desejos do sultão serão cumpridos e que ele viva muitos anos.

– Ao que sei, os Habsburgo têm várias galerias. Nos territórios que controlam em Itália, há palácios repletos de quadros. – O sultão passou suavemente com o lenço pelo nariz. – Desse modo, paxá Resid, o imperador da Áustria pode saber como era o aspeto do avô do seu avô. Basta-lhe olhar para o retrato.

O jovem paxá cruzou as mãos finas. O que o sultão dizia era verdade, mas perfeitamente ridículo: toda a gente sabia que os Habsburgo eram feios e todos muito parecidos. Casavam-se entre eles, e, a cada geração, os queixos aumentavam de tamanho. Ao passo que um príncipe otomano só partilhava o seu leito com mulheres belas e perfeitas.

O paxá Resid endireitou os ombros.

– Os cães da Áustria mijam todos no mesmo sítio – disse ele, com um grunhido divertido. – Quem gostaria de ver uma coisa dessas?

Ao dizer isto, sabia que estava a cometer um erro. O sultão Mahmud ter-se-ia rido da piada; mas Mahmud estava morto.

O sultão franziu o sobrolho.

– Não estamos a falar de cães.

– Tem razão, meu padixá. – O paxá Resid baixou a cabeça.

– Estou a falar do Conquistador – disse Abdülmecid com um ar altivo. – Do sangue que corre nestas veias. – Mostrou os punhos e o jovem conselheiro inclinou-se, envergonhado. – Se o quadro existe, desejo que o procurem – prosseguiu o sultão. – Quero vê-lo. Pretende, paxá Rasid, que o retrato do Conquistador seja exposto ao olhar dos infiéis... ou que acabe nas mãos de um infiel?

O paxá Resid suspirou.

– E, no entanto, meu sultão, nós não sabemos onde poderá estar o retrato... Se é que de facto ele existe...

O jovem padixá espirrou de novo. Enquanto examinava o lenço, o paxá insistiu:

– Durante mais de três séculos, ninguém viu nem ouviu falar desse... quadro. Hoje, temos apenas rumores, nada mais. Sejam prudentes, meu padixá. Que importância tem se esperarmos mais um mês? Ou mais um ano? A verdade é como o almíscar, cujo agradável odor nunca pode ser disfarçado...

O sultão aquiesceu, mas não estava de acordo.

– Há uma maneira mais rápida de resolver as coisas – disse ele numa voz entaramelada pelas mucosidades. – Mande chamar Yashim.

3



Perto das margens do Corno de Ouro, do lado de Pera, havia uma fonte que uma princesa otomana, num assomo de generosidade, mandara construir. Ficava no local onde os barqueiros, fazendo uma pausa entre as suas viagens, costumavam descansar. Nas ruas e praças de Istambul, havia centenas de fontes; esta, no entanto, era muito antiga e muito bela, e Yashim parara muitas vezes a admirá-la. Por vezes, quando o tempo estava quente, lavava o rosto no fio de água límpida que caía na pia de azulejos.

Eram precisamente esses azulejos que, agora, o levavam a parar. Ficou imóvel junto à fonte, horrorizado e passando despercebido no meio do vaivém contínuo ao longo da margem: almocreves com as

suas bestas de carga, carregadores curvados sob sacas enormes, duas mulheres inteiramente veladas, seguidas por um eunuco negro, um soldado mercenário montado no seu cavalo, cheio de pistolas e espadas na faixa da cintura. Nem Yashim, nem a fonte em ruínas, atraíam as atenções de quem quer que fosse: a multidão fluía à volta daquele homem, com uma capa castanha e um turbante branco, que, estupefacto, viu três operários, com a roupa de trabalho e os turbantes sujos, a atacar a fonte com os seus martelos.

Não que faltasse presença a Yashim. Aquilo que lhe faltava era algo mais específico; porém, estava habituado a passar despercebido. Era como se a sua presença fosse um traço que ele podia exhibir ou dissimular conforme muito bem lhe apetecesse; um traço de que as pessoas só se apercebiam quando se sentiam hipnotizadas pelos seus olhos cinzentos, pela sua voz grave e musical, ou pelas verdades que dizia. Antes disso, contudo, quase se poderia dizer que era invisível.

Os operários não ergueram o olhar quando ele se abeirou; só quando falou é que um dos trabalhadores olhou à sua volta, surpreendido.

– É a ponte, efêndi. Depois de acabarmos com a fonte e com aquela árvore ali, ficaremos com o caminho livre, está a ver? É preciso haver uma passagem, efêndi.

Yashim franziu os lábios. Havia muitos anos, ou mesmo séculos, que se falava de uma ponte que ligasse Pera a Istambul: nos arquivos do sultão, no Palácio de Topkapı, Yashim vira um dia um desenho a sépia da ponte, executado por um engenheiro italiano que escrevia as suas letras ao contrário, como se fosse num espelho. Agora, pelos vistos, a ponte ia mesmo ser construída: a nova prenda que o sultão resolvera dar à grata população.

– Mas não podiam deslocar a fonte, em vez de a destruírem?

O operário endireitou as costas e apoiou-se no seu enorme martelo.

– O quê? Isto? – Encolheu os ombros. – É demasiado velha. Uma nova é que era bom... – Os seus olhos deslizaram ao longo da margem. – Mas a árvore é que é uma pena...

A árvore era um colosso, um recanto de sombra e um refúgio na margem de Pera. Estivera ali durante séculos e, dentro de poucos dias, iria desaparecer.

Yashim estremeceu quando um dos martelos se abateu com toda a força sobre a pia da fonte. Um fragmento de pedra quebrou-se e Yashim estendeu uma mão.

– Por favor. Um azulejo ou dois...

Levou-os com todo o cuidado, sentindo a velha argamassa seca e quebradiça. O barqueiro que o levava ao longo do Corno num caíque escurrou para as águas.

– Esta ponte vai dar cabo de nós – disse ele em grego.

Yashim teve a impressão de que uma sombra ocultara de súbito o sol. Não se atreveu a responder.

Uma vez em casa, pôs os azulejos junto à janela e sentou-se no divã a contemplar as linhas fortes dos caules entrelaçados, os belos vermelhos das túlipas que tantas vezes lhe tinham refrescado os olhos como a água da fonte lhe refrescara a pele. Agora, como muito bem sabia, já não era possível obter aqueles vermelhos flamejantes: vários séculos antes, os ceramistas de Iznik tinham elevado a sua arte a tais alturas que o rio do conhecimento simplesmente secara. Quanto aos azuis, ainda existiam: os belos azuis de Kayseri e Iznik, mas não os vermelhos adorados pelos heréticos, que tinham vindo do Irão e que, por sua vez, também tinham desaparecido.

Yashim lembrou-se da paixão que lhe inspiravam tais azulejos nos aposentos privados do sultão no Palácio de Topkapi, um local interdito ao homem comum. No próprio harém, reservado unicamente ao sultão e à sua família, muitas mulheres tinham admirado tais azulejos; e também muitos sultões.

Yashim pudera vê-los porque não era um homem igual a todos os outros.

Yashim era um eunuco.

Continuava de olhos fixos nos azulejos, lembrando-se de outros iguais nos corredores frescos do harém do sultão, quando lhe bateram à porta. Era o mensageiro.

4



O paxá Resid batia ao de leve na sua bota luzidia com um pauzinho de mexer bebidas.

– O sultão Mahmud, paz à sua alma, considerou que a construção da ponte era uma boa ideia. – Apontou com o pauzinho para o divã. – A cidade velha e Pera estiveram demasiado tempo separadas. O padixá tem exatamente a mesma opinião.

– Agora, Pera virá para Istambul e nós nunca mais teremos paz – comentou Yashim.

Resid franziu os lábios.

– Ou talvez o contrário, Yashim efêndi.

– Sim, meu paxá – retorquiu Yashim, nada convicto. Sentou-se, com as pernas cruzadas, no divã. – Talvez.

Tentou imaginar Pera reduzida a um silêncio nobre, enquanto os sóbrios paxás, os minaretes e os ciprestes da velha Istambul espalhavam a sua calma influência do outro lado da ponte, interrompendo a perpétua turbulência dos vendedores ambulantes, dos servidores de chá, dos carregadores, dos banqueiros, dos lojistas e dos marinheiros que se acotovavam nas ruas de Pera. Onde é que os ciprestes iam encontrar sítio para crescer, entre os chapeleiros belgas e os vendedores ambulantes gregos, entre as engomadeiras e as multidões de estrangeiros? Os velhos cavalheiros otomanos levavam as suas famílias a Pera de quando em quando e conduziam-nas, espantadas, no meio das multidões de estrangeiros e apátridas. Depois de observarem minuciosamente as montras das lojas da Grande Rue¹, voltavam de barco para casa.

– Ouvi dizer que sabe muitas línguas – acrescentou Yashim num tom agradado.

Yashim não conhecia bem Resid. O jovem vizir fazia parte de uma outra geração da escola do palácio, a geração que estudara Francês e Engenharia; a sua formação levava-o para fora das fronteiras do império. A mãe de Resid era da Crimeia, uma exilada; a família dele era pobre. Estava talvez a meio da casa dos vinte; teria mais quatro ou cinco anos

¹ Em francês, no original. (*N. do T.*)

do que o sultão que servia, mas tinha a reputação de ser um trabalhador esforçado, piedoso sem ostentação, vivo de espírito e muito seguro de si mesmo: subira por certo muito rapidamente sob o olhar atento do velho sultão, que insistira com ele para que aprendesse línguas e o enviara em missões a Paris e Viena, dado que Mahmud perdera a confiança nos dragomanos oficiais, ou intérpretes, na sua maior parte gregos. Também levava em conta, sem sombra de dúvida, que Resid exercia sobre o seu filho uma influência benéfica.

O paxá encolheu os ombros. – Ah, sim, as línguas. Saber línguas permite-nos ganhar tempo.

Yashim baixou os olhos. Falava perfeitamente oito línguas, incluindo o georgiano, e amava três delas: o grego, o otomano e o francês.

– O sultão chamou-o, Yashim efêndi. Está consciente dos serviços que prestou à sua Casa. Fui eu que lhe lembrei esse importante por menor.

Yashim inclinou polidamente a cabeça. Houvera uma época em que o velho Mahmud o chamava por tudo e por nada, a fim de lhe confiar algum dilema adequado aos seus peculiares talentos. Tratara de muitos casos ocorridos no harém e fora dele, e nem todos eram histórias sem importância. Roubos, mortes misteriosas, ameaças de motins ou traição que punham em perigo a própria estabilidade ou a sobrevivência da mais antiga das casas reinantes da Europa: o trabalho de Yashim consistia em resolver qualquer crise. Tão discretamente quanto possível, claro. Yashim sabia que o ar de invisibilidade que o rodeava deveria também envolver os mistérios que tinha de deslindar.

– E gostaria de lhe lembrar, Yashim efêndi, que o sultão é muito jovem.

Yashim reprimiu um sorriso. A única frivolidade visível a que o paxá Resid se permitia era um pequeno bigode que encerava com cuidado, mas o seu queixo era suave e macio. Vestia uma *stambouline*, essa odiosa imitação do traje ocidental, que o antigo sultão prescrevera oficialmente a todos os seus súbditos – gregos, turcos, armênios ou judeus – e cuja adoção, pelos vistos, demorava a ganhar raízes. Yashim decidira, muitos anos antes, não se dar ao trabalho de vestir tal casaca.

– Há quatro séculos, paxá Resid, o sultão Mehmed também era jovem quando conquistou esta cidade aos gregos.

– Mas podemos dizer que Mehmed tinha mais experiência...

«É isso que você tem?», perguntou-se Yashim. «Aos vinte e cinco anos? Experiência?»

– Mehmed sabia muito bem quais eram os seus interesses – prosseguiu Resid. – E também não ligava a conselhos. Mas os tempos mudaram, quer-me parecer.

Yashim aquiesceu. «Muito bem dito», pensou.

– Cada um de nós, Yashim, deve esforçar-se à sua maneira para servir o melhor possível os interesses do sultão. Haverá ocasiões, disso estou certo, em que poderá servi-lo com o seu talento especial para penetrar nos corações e nas mentes dos homens. Muitos outros... é natural e não é nenhuma vergonha para eles... servem-no com o seu mero entusiasmo.

Os seus olhos escuros perscrutaram os de Yashim.

– Compreendo – murmurou Yashim.

O jovem vizir não parecia convicto.

– Nós, os otomanos, temos séculos de experiência no que toca ao entendimento dos hábitos dos príncipes. Eles dão-nos... O sultão faz-nos o favor de nos dar as suas ordens. E nós dizemos: «o sultão disse isto ou aquilo.» E a ordem que ele deu será cumprida. Porém, entre estas ordens, identificámos um tipo de... como dizer... Talvez ordens incertas... Escritas no vento, Yashim.

Yashim permaneceu imperturbável.

Aquilo que é escrito no vento não pode ser lido.

– Creio que o sultão o receberá esta tarde. – Resid ergueu a mão num gesto vago que significava que Yashim podia ir-se embora. – Terá muitas oportunidades para lhe mostrar... o seu entusiasmo – acrescentou. – Sei que será assim.

Yashim levantou-se e, levando uma mão ao peito, fez uma vénia de despedida.

Como a ascensão de um planeta, a chegada de um novo sultão criava novos alinhamentos, mudanças no peso e na composição das cabalas e das cliques que tinham sempre florescido no palácio em torno da pessoa do todo-poderoso sultão. A promoção de Resid fora antecipadamente determinada por Mahmud; agora, Abdülmecid limitava-se a confirmar a decisão do pai.

Poderia Yashim dar-se ao luxo de recusar uma oferta como a amizade e a proteção de Resid?

Já fora do gabinete do vizir, Yashim dirigiu-se, através de um longo corredor coberto de tapetes, a um par de portas duplas flanqueadas por guardas imóveis e uma fila de cadeiras de costas direitas, forradas com um tecido cor-de-rosa.

Os guardas nem pestanejaram. «O que é que o sultão quereria e que, de uma forma tão clara, não agradava a Resid?», interrogou-se Yashim.

Sentou-se numa cadeira, prevendo uma longa espera. Porém, escassos instantes depois, as portas abriram-se de par em par e um criado de luvas brancas conduziu-o à presença do sultão.

5



Yashim vira o sultão pela última vez vários anos antes da sua subida ao trono: lembrava-se do rapaz magro com olhos febris que, pálido e nervoso, se encontrava ao lado do trono do pai. Esperava encontrá-lo grande e forte, tal como as crianças que, para constante e ingénua espanto dos pais, crescem desmesuradamente. Contudo, à primeira vista, o jovem sentado numa cadeira francesa, as pernas sob uma mesa, parecia não ter mudado nada. Era curiosamente magro e ossudo. Os ombros eram estranhos e tinha os pulsos longos dissimulados, mas sem que isso os tornasse mais elegantes, pela arte dos alfaiates europeus.

Yashim fez uma profunda vénia e avançou na direção do sultão. Só as sobranceiras, reparou, se tinham desenvolvido: grandes sobranceiras por sobre uns olhos inquietos e remelentos.

Com o rosto crispado, o sultão abriu a boca como se fosse gritar, mas depois pegou num lenço que estava na secretária e, levando-o ao nariz, espirrou ruidosamente com um ar angustiado.

Yashim pestanejou. Nos Balcãs, dizia-se que as pessoas espirravam sempre que diziam uma mentira.